

SIÉLIA BARRETO BRITO

**LAVOURA CACAUEIRA DA BAHIA:
Caracterização da crise atual**

SALVADOR, 1996

SIÉLIA BARRETO BRITO

**LAVOURA CACAUEIRA DA BAHIA:
Caracterização da crise atual**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Economicas da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Professor Antonio Plínio Pires de Moura

SALVADOR, 1996

*Se os frutos produzidos pela terra
ainda não são tão doces e polpudos
quanto as peras da tua ilusão,
amarra o teu arado a uma estrela
e os tempos darão safras e safras de sonhos,
quilos e quilos de amor
noutros planetas risonhos
outras espécies de dor*

*Se os campos cultivados neste mundo
são duros demais e os solos assolados pela terra
não produzem a paz
amarra o teu arado a uma estrela
e aí tu serás o lavrador louco dos astros,
o camponês solto nos céus
e quanto mais longe da terra,
tanto mais longe de Deus.*

Gilberto Gil

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1	INTRODUÇÃO	1
2	HISTÓRICO DA PRODUÇÃO CACAUEIRA	2
2.1	FORMAÇÃO ECONOMICA DOS SETORES DE CACAU	6
2.2	O SURGIMENTO DO INSTITUTO DE CACAU DA BAHIA	7
2.3	O MODELO CEPLAC	9
3	FATORES AGRAVANTES DA ATUAL CRISE DA LAVOURA CACAUEIRA DA BAHIA	11
3.1	VASSOURA-DE-BRUXA	12
3.2	A POLÍTICA CAMBIAL	14
3.3	A SUPERPRODUÇÃO MUNDIAL	15
3.3.1	A expansão da Plantação no Brasil	16
3.4	CARATER MONOCULTOR	17
3.5	AGROINDUSTRIALIZAÇÃO DO CACAU	18
3.6	A INDUSTRIA CHOCOLATEIRA	20
4	MERCADO INTERNACIONAL DO CACAU	23
4.1	DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE CACAU	29
4.2	ACORDO INTERNACIONAL DO CACAU	35
4.2.1	O Sistema de Cotas de Exportação	36
4.3	EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CACAU	38
5	CONCLUSÃO	41

REFERÊNCIAS BIBIOGRÁFICAS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA Nº 1	Região Cacaueira da Bahia	4
MAPA Nº 2	Disseminação da Vassoura-de-Bruxa	12
GRÁFICO Nº 1	Rentabilidade da lavoura do Cacau	13
GRÁFICO Nº 2	Defasagem da taxa do dólar/ IGP-DI	14
GRÁFICO Nº 3	Preço do Cacau / Câmbio	15
GRÁFICO Nº 4	Produção e participação na produção mundial	17
FIGURA Nº 1	Composição agroindustrial do Cacau	19
FIGURA Nº 2	Organizações das Corporações Cacaueiras	22
TABELA Nº1	Produção, Preço e Estoque de Cacau	24
GRÁFICO Nº 5	Produção da Nigéria	25
GRÁFICO Nº 6	Produção da Malásia	25
GRÁFICO Nº 7	Produção de Gana	26
GRÁFICO Nº 8	Produção de Costa do Marfim	26

GRÁFICO Nº 9	Produção da Indonésia	27
GRÁFICO Nº10	Produção do Brasil	27
GRÁFICO Nº11	Produção do Equador	29
GRÁFICO Nº12	Produção, Consumo e Estoque Mundial	29
TABELA Nº2	Produção nos principais países produtores	30
TABELA Nº3	Produção Africana de Cacau	31
TABELA Nº4	Produção na Ásia e América latina	31
GRÁFICO Nº13	Nigéria na produção mundial	31
GRÁFICO Nº14	Costa do Marfim na produção mundial	33
GRÁFICO Nº15	Indonésia na produção mundial	33
GRÁFICO Nº16	Malásia na produção mundial	34
GRÁFICO Nº17	Gana na produção mundial	34
GRÁFICO Nº18	Brasil na produção mundial	35
TABELA Nº5	Exportação baiana de Cacau	39

1 INTRODUÇÃO

O crescimento das economias é cíclico e as crises fazem parte dele. Elas representam o momento político em que se renegocia o pacto de poder e o momento econômico em que se preparam os mecanismos que ativarão a próxima etapa de expansão.

A economia cacaueteira da Bahia, durante toda sua história foi marcada por intensos períodos de crise, que tornaram-se cíclicas, caracterizando períodos de expansão e contração das atividades, provocando ao longo dos anos a decadência cacaueteira baiana. O entendimento do atual processo econômico da região sul da Bahia passa pelo conhecimento da própria história da cacauicultura e sua trajetória de crises provocadas, principalmente, por uma economia monocultora de exportação, que, segundo Moreira,

"Ilhéus e Itabuna enfrentam hoje, um fenômeno bem conhecido nas lavouras de monoculturas Brasileiras. É o mesmo que em outras épocas, quebrou os barões paulistas do café, no Vale do Paraíba, os barões da borracha, em Manaus e os senhores de engenho no Nordeste."
(MOREIRA, 1995)

No capítulo segundo está caracterizada a história da cacauicultura, suas dificuldades de afirmação, as primeiras dificuldades enfrentadas e o conseqüente surgimento dos órgãos de apoio, como o ICB e a CEPLAC.

No capítulo terceiro, estão expostos os fatores conjunturais e estruturais agravantes da atual crise, como a vassoura-de-bruxa, políticas cambiais, etc.

No quarto capítulo aborda-se a influência do mercado externo na lavoura cacaueteira do Brasil, a expansão da produção mundial, o Acordo Internacional do Cacau e seus impactos no comércio desta commodity

Na conclusão sumarizar-se-á as considerações finais a que se chegou no curso de análise do tema.

2 HISTÓRICO DA PRODUÇÃO CACAUEIRA

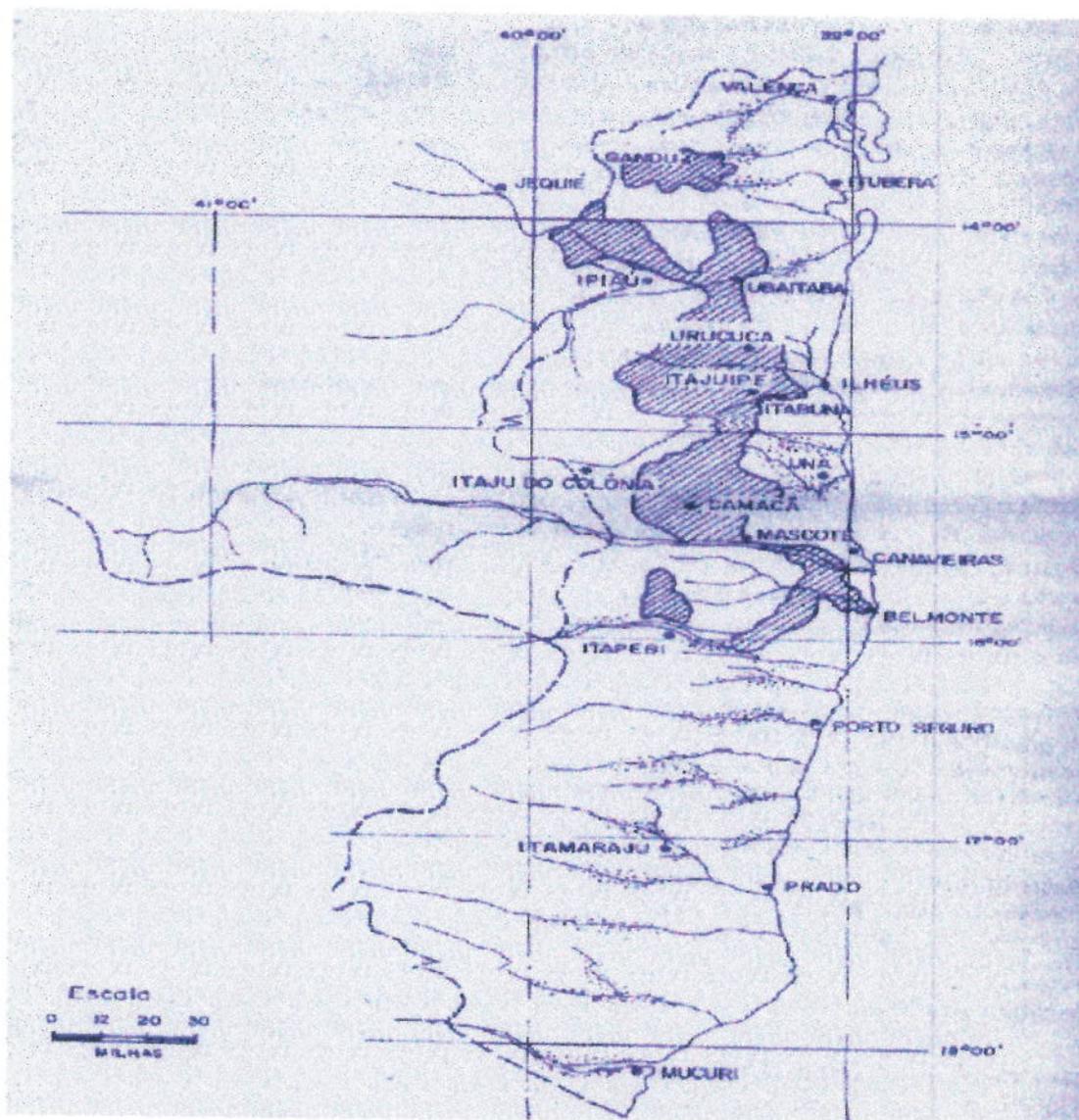
O cacaveiro é uma planta da família das estuculiácias, do gênero *THEOBROMA*, que teve sua origem na América Central (Guatemala), de onde migrou para diversas partes do mundo, primeiramente para o México onde vegetou como planta nativa entre os índios Maya, Toltecas e Astecas. Da América Central o cacau foi transferindo-se, nos séculos XVI e XVII, para o leste, atingindo a América do Sul, onde alcançou destaque no Equador no final do século XIX e início do século XX. O cacaveiro percorreu toda região do vale Orinoco, transplantando-se para o Amazonas, até alcançar o Estado do Pará, ao mesmo tempo que chegava à ilha de Trinidad, dali irradiando-se para todo o Caribe e Antilhas, bifurcando seu roteiro para a Venezuela e a Colômbia.

No Brasil as primeiras grandes plantações foram feitas no Estado do Pará, de onde o botânico franco-suíço, Frédéric Lovis Worngaux, trouxe as primeiras mudas aproveitáveis para a Bahia, onde foram entregues ao lavrador Antônio Ribeiro, em sua Fazenda Cubículo situada à margem do Rio Prado, município de Canavieiras, no ano de 1746. Até o meado do século XIX, o cacau não teve grande significação, possuindo as sub-zonas produtoras população bastante escassa, ampliando a partir de 1830, quando começaram a surgir correntes de imigração nacional, provocadas por vicissitudes climáticas do Nordeste brasileiro e pelas diversas crises ocorridas no período: a Sabinada em 1837, a epidemia de cólera em 1855; a crise açucareira em 1873, a abolição da escravatura em 1888, etc. (SELIGSOHN, OTTO)

Em 1900, começaram a surgir novos núcleos citadinos, formando pouco a pouco uma população autóctone, integrante de cidades maiores como Ilhéus, Itabuna

(antiga Tabócas), Urucuça (antiga Água Preta), Itajuípe (antiga Piranga e Sequeiro de Espinho), Buerarema (antigo Macuco), Ibicarai (antiga Palestina), Aurelino Leal (antiga Poiri), Ipiaú (antigo Rio Novo), e muitos outros municípios foram formados com uma população crescente, já nascida no lugar e dedicando-se à lavoura cacauieira. O mapa evidencia as zonas e municípios mais importante na cacauicultura nos dias atuais.

MAPA Nº 1 REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA



"O atraso no desenvolvimento da cultura do cacau - 1746 a 1900 aproximadamente, é consequência do caráter desbravador do empreendimento, que constitui-se em fator negativo devido as dificuldades encontradas pelas frentes pioneiras em lutas contra os rigores do clima e das matas bravias, sem outros recursos ou proteção além da força dos seus braços. Aliava-se a isso o desconhecimento de técnicas adequadas ao cultivo de cacau, tanto no que se refere aos tratos quanto na escolha dos solos" (Sampaio, 1993).

A afirmação econômica da lavoura cacauieira, se deu no período entre 1890 a 1930, época em que percorre seu período mais promissor. A importância adquirida pelo cacau como produto de exportação, a ativação dos mercados compradores que proporcionam uma demanda crescente e cotações regulares, a abundância de terras férteis e inexploradas numa região ecologicamente indicada para a cultura do cacau, todos esses fatores concorrem para que a economia do cacau se afirme definitivamente. Nesse período (1890/1930) monta-se toda uma estrutura de produção e comercialização do cacau, cuja singularidade maior decorre da inexistência de um elemento unificador das ações individualistas, uma política diretiva ou estratégia de ação que conferisse uma consistência maior àquele sistema econômico. Toda a dinâmica que presidiu a sua montagem, desde a modelagem da estrutura fundiária até as ações finais da comercialização (no caso da comercialização iniciou-se também desordenadamente ocorrendo, todavia, um processo de organização dos seus agentes), resulta de um conjunto de soluções isoladas, cuja carência decorre apenas dos resultados das experiências adquiridas na prática. É importante considerar porém, que essas experiências são relativamente recentes na região uma vez que o cacau é "lavoura importada" e, dessa maneira não representa uma atividade adicional dos grupos aí radicados e nem mesmo responde a hábitos alimentares regionais. Ademais, o contingente humano que será responsável pela montagem do sistema de produção e comércio

também não é natural da região, ali se fixando em função da própria oportunidade de participar de uma nova atividade econômica, num momento em que as atividades tradicionais da Bahia atravessavam conjuntura de recesso.

O desenvolvimento da lavoura cacaeira deveu-se a causas ligadas à existência de uma situação de equilíbrio entre a oferta e a demanda mundial, secundada pela ausência de flutuações bruscas nas cotações, mantidas dentro dos níveis do preço por atacado para mercadorias em geral. Essa situação porém, tende a modificar-se à proporção que aumenta o volume de oferta e as exigências dos mercados.

O sistema produtivo desenvolvido ao sabor das conveniências imediatas do crescimento da demanda, logo começa a apresentar as suas fissuras internas. Os índices de produtividade decrescem, tanto por envelhecimento das primeiras plantações como pelas condições que acompanharam a expansão da lavoura, realizada aleatoriamente, sem amparo tecnológico que oferecesse qualquer orientação na escolha dos solos ou das sementes para a instalação de novas roças. As primeiras plantações caducaram e os melhores solos empobreceram. Além disso a euforia que marcou os anos compreendidos entre 1890 e 1930, considerado o período áureo para a lavoura do cacau, imprimiu uma dinâmica própria e descontrolada ao processo de crescimento das plantações, resultando na ocupação de áreas inaptas para o cultivo do cacau. Dessa maneira, o próprio sistema de produção, eivado de vícios nas suas bases, não oferecia condições adequadas ao exercício de uma atividade monocultora de exportação nem mesmo nas conjunturas comerciais favoráveis, muito menos em épocas de crise. (GARCEZ e FREITAS, 1979)

2.1 FORMAÇÃO ECONÔMICA DOS SETORES DE CACAU

A formação econômica dos setores de cacau na Bahia - produção, exportação, comércio e indústria resulta em um conjunto de interesses isolados e não

convergentes. Cada um desses setores repousa sobre interesses diferentes colocados em planos diferentes: produtores (na região), exportadores (em Salvador), indústrias (nas multinacionais), indústria chocolateira (sul do Brasil) e consumidores no estrangeiro. Esse comportamento não assegura coesão, nem garante coerência nos resultados, dificultando qualquer tipo de política ou intervenção nessa economia.

A incompatibilidade verificada internamente entre os diferentes interesses, a falta de articulação de cada setor, produção e comércio, e dos setores entre si e, ao final, a dependência do mercado externo, gerava um alto grau de vulnerabilidade às crises, principalmente ao nível da produção, que se apresentava como o mais fraco setor.

2.2 O SURGIMENTO DO INSTITUTO DE CACAU DA BAHIA - ICB

A crise de 29 afetou bastante a economia cacaueteira o que levou os representantes da classe dominante (produtores) a se unirem em busca de apoio em defesa da lavoura cacaueteira, dando início a reivindicações junto ao Governo do Estado, que acabou por criar via decreto estadual a "Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada - ICB" (1931), um instituto de organização sob a forma híbrida para não afrontar a economia regional nem suas lideranças, uma cooperativa com aspecto de sociedade anônima, mas vinculada, estrutural e administrativamente, ao Governo baiano.

Os objetivos básicos do ICB eram: promover a prosperidade da lavoura do cacau; amparar os legítimos interesses dos lavradores; difundir os ensinamentos de técnicas modernas, relativos à cultura, trato e beneficiamento do cacau e aproveitamento dos subprodutos; desenvolver novas culturas e indústrias (para evitar os males da monocultura); realizar pesquisas, analisar experiências, mantendo laboratórios e estações experimentais; promover a aquisição de

máquinas, adubos, inseticidas, enfim todo insumo necessário ao desempenho de uma agricultura moderna; conceder empréstimos hipotecários a longo prazo; oferecer serviços de informações comerciais; participar da comercialização vendendo produto que lhe fosse consignado pelos associados; participar, através de propostas e sugestões, da adoção de medidas " definitivas ou emergências necessárias ao progresso e amparo da lavoura e comercio da produção", isso é, participar da política dentro da economia do cacau.

Com esses objetivos e em prol destes, surgiu o ICB, com sua concepção jurídica e administrativa de caráter " sui-generis" como cooperativa, como sociedade anônima e como autarquia. Seria natural que as conseqüências advindas desse modelo organizacional, de resultados conflitantes na concepção jurídica de cada tipo de organização, levasse internamente o Instituto a se desgastar nas disputas entre seus associados, somando-se a isto a insatisfação dos produtores quanto à atuação crescente do ICB na comercialização direta do cacau. A lavoura se encaminha em posição de crise, e a conjuntura de guerra agrava ainda mais seus problemas, crescendo o desprestígio do ICB, no momento em que o cacau detém mais ou menos 60% das exportações do Estado. Dessa crise geral resultou a transformação do ICB em autarquia (em 1941), medida que não obteve aprovação dos produtores que apoiavam a forma cooperativa. Contudo, percebe-se um paradoxo na posição dos cacauicultores uma vez que contestavam a ação do ICB como cooperativa de venda. O que se pode afirmar de tudo isso, é que os objetivos da classe não se encontravam ainda definidos e, que no meio dela perdurava a mesma falta de solidariedade, coesão e coerência dos primeiros tempos. (GARCEZ E FREITAS, 1979)

Em meados dos anos 50, ocorria uma nova conjuntura de crise e um novo questionamento quanto à utilidade do ICB como órgão de amparo à lavoura em desgaste tanto nas realizações quanto no prestígio. O agravamento da crise em

1956, gera novas reivindicações, ou melhor velhas reivindicações retomadas, e outra forma de ação oficial para amparo à lavoura começa a surgir .

2.3 O MODELO CEPLAC

Os anos 50 não foram favoráveis para a lavoura cacaueteira, dado as condições climáticas insatisfatórias, preços baixos, e aliado a esses fatores conjunturais, um lento processo de desgaste da produtividade (a produtividade caiu de 670 quilos por hectares na década de 30, para 344 quilos na década de 50). A descapitalização excessiva que recaía sobre o cacau nas décadas de 30 a 50, situou-se em torno de 50% do valor das vendas, o que aliado à espiral inflacionária e à política cambial adotada, provocou elevação de custo de produção fazendo com que a situação da lavoura ficasse insustentável até explodir numa de suas maiores crises - a de 1956.

Com a crise de 56, ocorre uma rearticulação de diversos setores em busca do apoio do poder público. A partir de tais reivindicações o Presidente da República designa o Dr. Romulo Barreto de Almeida (autor do projeto ICB) para elaborar o "Plano de Recuperação Econômico - Rural da Lavoura Cacaueteira", em 20 de Janeiro de 1957. A Comissão Executiva do Plano aplicaria os recursos através do Banco do Brasil, com juros de 2% ao ano e, por sua vez, cobraria 8% de juros aos lavradores. Nasce assim a CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueteira) que inicia suas atividades com medidas emergenciais de financiamento da dívida dos produtores, transformando-se depois em um órgão de modernização e desenvolvimento agrícola (modernização que foi responsável pela elevação da produção e da produtividade e colocando o Brasil em segundo lugar).

A CEPLAC foi a maior e a mais bem sucedida intervenção governamental federal na lavoura cacaueteira. Por outro lado, as organizações criadas em momentos de crise

como o ICB e a CEPLAC constituíram-se grandes avanços porque abordaram a crise não apenas com tratamento via crédito, mas via investimentos em infraestrutura, apoio técnico de extensão e pesquisa. (MENEZES e CARMO NETO, 1993).

3 FATORES AGRAVANTES DA ATUAL CRISE DA LAVOURA CACAUEIRA DA BAHIA

A lavoura cacaueteira atravessa a partir de 1987 uma das mais persistentes crises de sua história, provocando perda de competitividade a nível internacional, seja por volume de produção, produtividade ou custos de produção. No mercado interno, vem gerando um conjunto de impactos sócio-econômicos que atinge de modo diferenciado produtores individuais, empresários, agentes financeiros, trabalhadores e a atividade econômica em geral. A lavoura cacaueteira sempre conheceu períodos de crise, que tornaram-se cíclicos ou mais ou menos previsíveis, contudo a diferença existente entre a crise atual e as anteriores é que esta incorpora, além dos fatores conjunturais, alguns elementos estruturais, o que faz o atual momento tornar-se o mais grave de todos os tempos.

Os fatores responsáveis pela crise cacaueteira são os mais diversos possíveis. Cabe analisar, aqui, os mais relevantes: a vassoura-de-bruxa, as políticas cambiais, a não industrialização, a super produção mundial, o caráter monocultor, a agroindustrialização do cacau, e a indústria chocolateira.

As crises de caráter estrutural se deram no início dos anos 20, meados dos anos 30 (quando foi criado o ICB, em 1931), no final dos anos 50 (crise que foi superada com a advento da CEPLAC) e, em meados dos anos 80, quando iniciou-se a crise atual. As crises de caráter conjuntural caracterizam-se por uma periodicidade de movimentos alternados de expansão e contração das atividades, as quais já vêm apresentando alguma regularidade. Assim aconteceu em 1957, 1961, 1971, 1987, 1989.

3.1 VASSOURA-DE-BRUXA

A vassoura-de-bruxa (*Crinipelis perniciosa*), surgiu na Amazônia e disseminou-se para os países americanos, alcançando por último em 1989, a Região Sul da Bahia, iniciando assim, seu processo inexorável de destruição das lavouras cacaeueiras baianas.

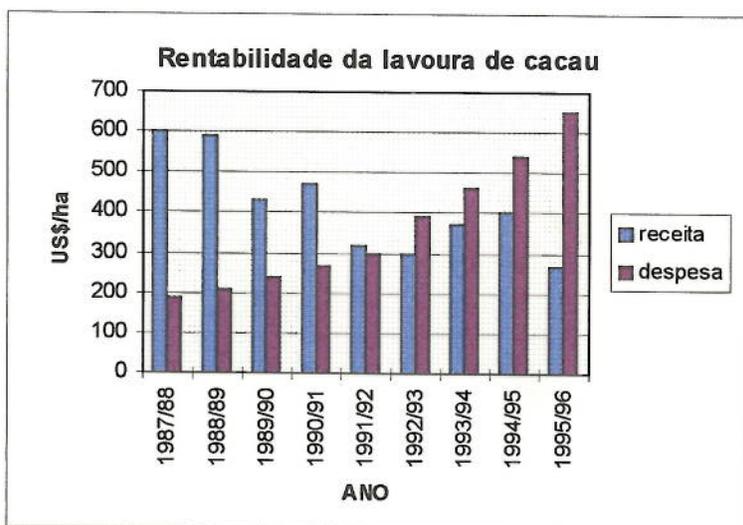
MAPA Nº 2 DISSEMINAÇÃO DA VASSOURA-DE-BRUXA



Sua incidência se dá apenas nos países da América, implicando sua não relevância para a cacauicultura internacional, pelo menos do ponto de vista econômico, pois a enfermidade se faz sentir em apenas 10% da produção mundial.

Contudo, na Bahia a vassoura-de-bruxa é um dos fatores que mais prejudica a lavoura, pois contribui para a elevação dos custos via ataque da produção e deterioração do produto. O produtor que gastava entre R\$ 6,00 e R\$ 7,00 por arroba de cacau, após a disseminação da doença seus custos saltaram para R\$ 15,00 por arroba. Tem-se hoje 70% das fazendas infectadas e segundo dados da CEPLAC, a doença reduz em até 90% a capacidade produtiva do cacauzeiro. Dessa forma a rentabilidade da lavoura cacauzeira fica comprometida, assim como a competitividade com outros mercados.

GRÁFICO Nº 1

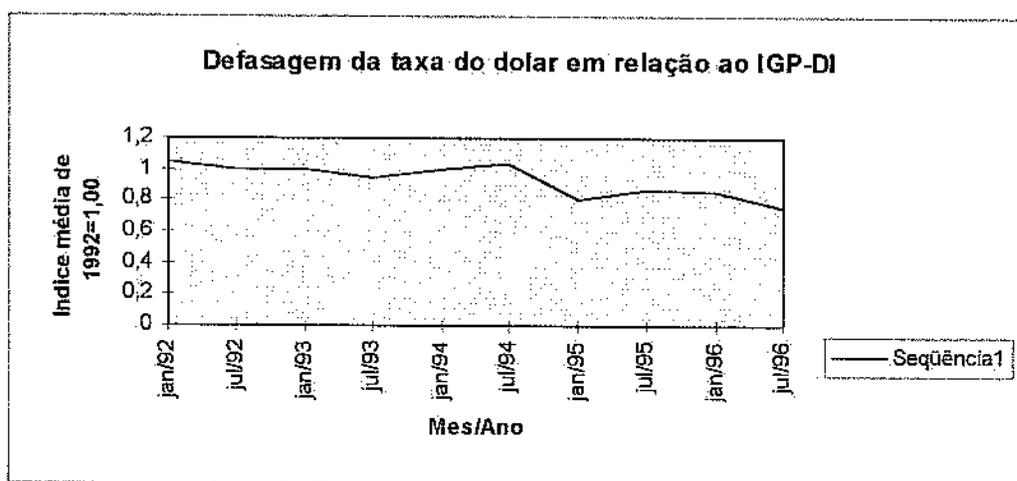


FONTE:Jornal A Tarde

3.2 A POLÍTICA CAMBIAL

A política cambial adotada no Plano Real vem gerando ilíquidez generalizada e uma perda de competitividade, devido à valorização do real frente ao dólar, refletindo numa queda das exportações, que caíram de US\$ 504.838 dólares (44,5% das exportações baianas em 1986), para US\$ 118.629 (6,2% das exportações baianas em 1995).

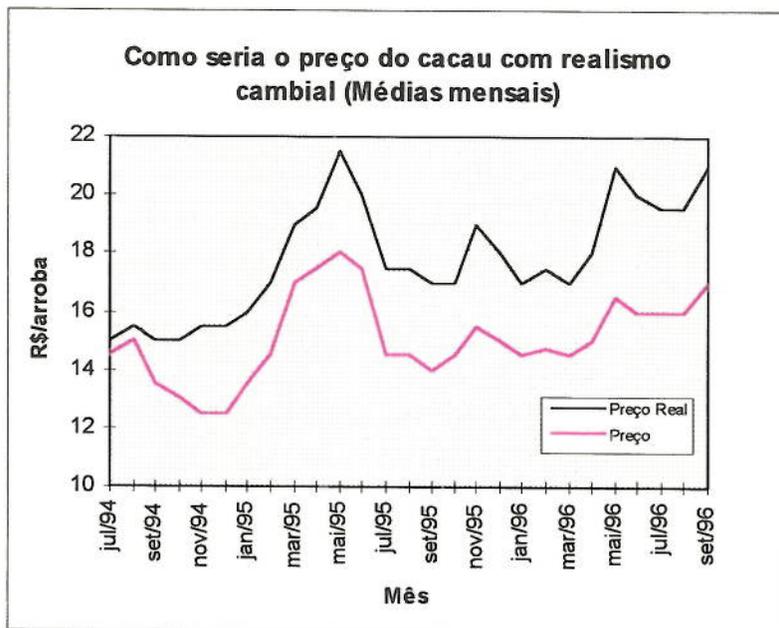
GRÁFICO Nº 2



FONTE: Jornal A Tarde.

Por outro lado, o preço "real" obtido pelo produtor de cacau, caso o Brasil tivesse deixado seu câmbio flutuar "livremente", teria sido em maio de 1995, de R\$ 21,00 por arroba em lugar de R\$ 18,00 por arroba. Em todo período, de janeiro de 1995 até hoje, o preço nunca deveria ter caído abaixo de R\$ 17,00 e atualmente com a isenção do ICMS, a receita do produtor, em vez de R\$ 19,00, estaria em R\$ 24,00 por arroba.

GRÁFICO Nº 3



FONTE: Jornal A Tarde.

3.3 A SUPERPRODUÇÃO MUNDIAL

A superprodução mundial se deu em função da explosão dos preços na década de 70, principalmente, entre os anos de 1976/78, quando o preço pago por arroba ao produtor chegou a US\$ 51,577. Os elevados preços provocaram a expansão da produção dos países produtores, como a Costa do Marfim que possuía 785.000 hectares passando para 1.434.000 hectares, a Malásia de 24.000 he passa a 225.000 he. O aumento na produção mundial foi inevitável, passou de 1,733 milhão de tonelada em 1981 para 2,460 milhões em 1990.

3.3.1 A Expansão da Plantação no Brasil

A expansão da plantação no Brasil é fruto do desejo de recolocá-lo na liderança mundial da produção de cacau. Com a finalidade de promover a ampliação das lavouras, o Governo aprovou o PROCACAU (Programa para a Expansão da Cacaucultura Brasileira), idealizado em 1975 nas divisões de sócio-economia e de solos da CEPLAC; lançado em 1976, o programa tinha como meta expandir a área de cultivo de cacau em 352 mil hectares, além da renovação de quase 100 mil hectares, casando produtividade a produção.

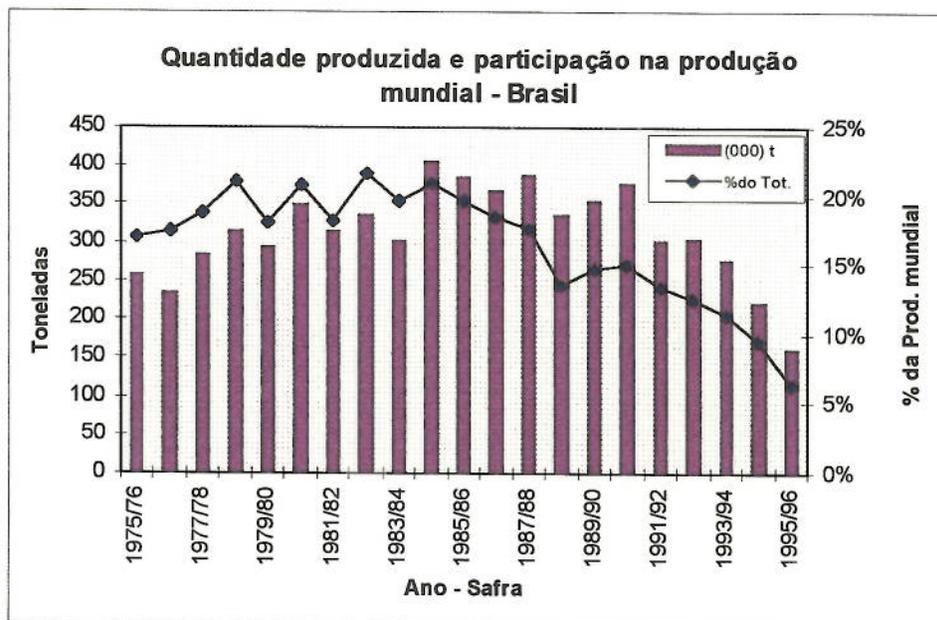
Em 1965 foram registrados 400 mil hectares de cacau no sul da Bahia, que chegariam a 444.566 he em 1975, um crescimento médio anual de 4.500 he; em 1980, cinco anos após o PROCACAU, atingiria 548.741 he com o crescimento médio anual de 21 mil he. A meta do PROCACAU, além de promover a expansão na lavoura cacaueira, era renovar 150 mil he de cacau, contudo apenas 39 mil he foram renovados, restando assim 111 mil hectares, favorecendo a permanência de cacaueiros velhos. A expansão dos novos plantios se deu com estímulo direto do programa, feito em solos pobres, ou em áreas que apresentam deficiência hídrica.

Os cacauais de áreas periféricas, pela sua baixa produtividade e elevados custos de produção, dada a necessidade de utilização de pacotes tecnológicos intensivos com insumos industriais, só foram economicamente viáveis quando a referência eram os preços do final da década de setenta(aproximadamente, US\$ 40,00 por arroba). Aos preços atuais, ou mesmo com preços um pouco mais elevados, a maior parte da área de expansão é economicamente deficitária. Nesse momento de agudização da crise, essas áreas representam o maior problema, pelo fato delas serem mais sujeitas ao ataque de pragas, em razão do nível tecnológico adotado

pelos produtores estar sempre abaixo do mínimo recomendado pela assistência técnica.

Todavia, embora o Brasil tenha expandido sua área cultivada, não se pode afirmar que ele contribuiu para a superprodução mundial.

GRÁFICO Nº 4



FONTE:OICC

3.4 CARÁTER MONOCULTOR

“ O cacauicultor não se articulou no sentido de ter o controle da economia cacauêira, nem também para se apropriar de maiores ganhos e excedentes gerados pela economia. Estes, foram deixados para grupos exportadores e indústria melhores organizados. O cacauicultor não se considerou como uma classe empresarial bem definida, detentora de poder econômico, político e dominador do processo de acumulação do capital agrário e comercial, exportador e industrial” (MENESES e CARMO-NETO, 1993).

A lavoura cacaeira se integrou ao modelo primário exportador com base na monocultura do cacau e sofre até hoje os impactos de uma dedicação "exclusiva" a uma atividade econômica exercida até então aleatoriamente, sem uma política ou uma estratégia de ação que lhe conferisse unidade de força para enfrentar, em condições de igualdade ou com eficácia, o jogo de interesses externos.

O Brasil exporta 80% de sua produção de cacau o que indica que o mercado interno é restrito ao produto e que há pouco desenvolvimento do processo de industrialização interna. Assim, torna-se a lavoura cacaeira integrante periférica de um sistema internacional, que canaliza para fora os excedentes, criando riqueza no exterior e não domesticamente; o produto final (chocolate) chega a custar 400 vezes mais que a matéria-prima (cacau), enquanto as exportações de cacau foram de US\$ 290 milhões, as indústrias de chocolate, Garoto, Láctea e Nestlé faturaram juntas US\$ 420 milhões; gasta-se R\$ 3,61 para obter-se um quilo de chocolate, segundo dados do IPEA, em quanto a Neuhauss vende um quilo de chocolate por R\$ 90,00 podendo chegar a R\$ 120,00 os mais sofisticados, caracterizando assim, o que se pode denominar o paradoxo do cacau.

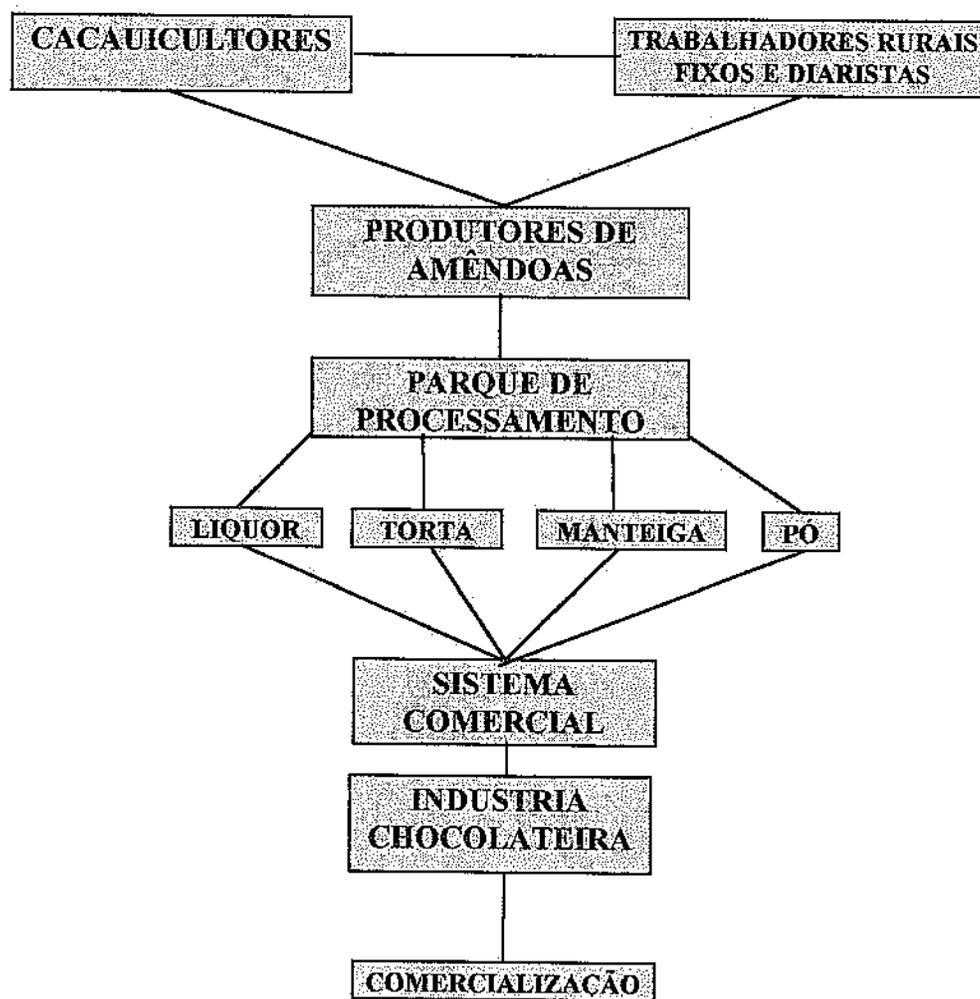
3.5 A AGROINDUSTRIALIZAÇÃO DO CACAU

Entende-se por agroindustrialização, o conjunto das operações que envolvem a produção e a distribuição de insumos agrícolas, a produção agrícola propriamente dita que se desenvolve na fazenda e o armazenamento, processamento e distribuição dos bens e derivados.

É um sistema de produção ajustada, onde embora o produtor não seja o agente mais qualificado, é o proprietário dos meios de produção e portanto a base da economia. Com esse sistema, a economia cacaeira passa a ter uma maior dimensão na economia, pois a agroindústria passa a ter uma maior dimensão na

agricultura. Ou seja, abandona-se a visão funcional da economia do cacau para ter-se uma visão estrutural. Partindo-se deste enfoque, estuda-se o conjunto, na perspectiva global onde a cacauicultura é apenas um dos setores da economia e não aquele exclusivamente produtor de matéria-prima.

FIGURA Nº 1



A composição agro-industrial se dá através do produtor que é o responsável pelas unidades de produção, conseqüentemente, pela oferta de amêndoa de cacau no mercado. As amêndoas ao deixarem as fazendas, se destinam aos parques

industriais onde serão processadas e transformadas em manteiga, liquor, torta e pó de cacau que serão destinados aos intermediários que os transferem para as indústrias de chocolate onde transformam-se em produto final (chocolate) destinado ao consumo.

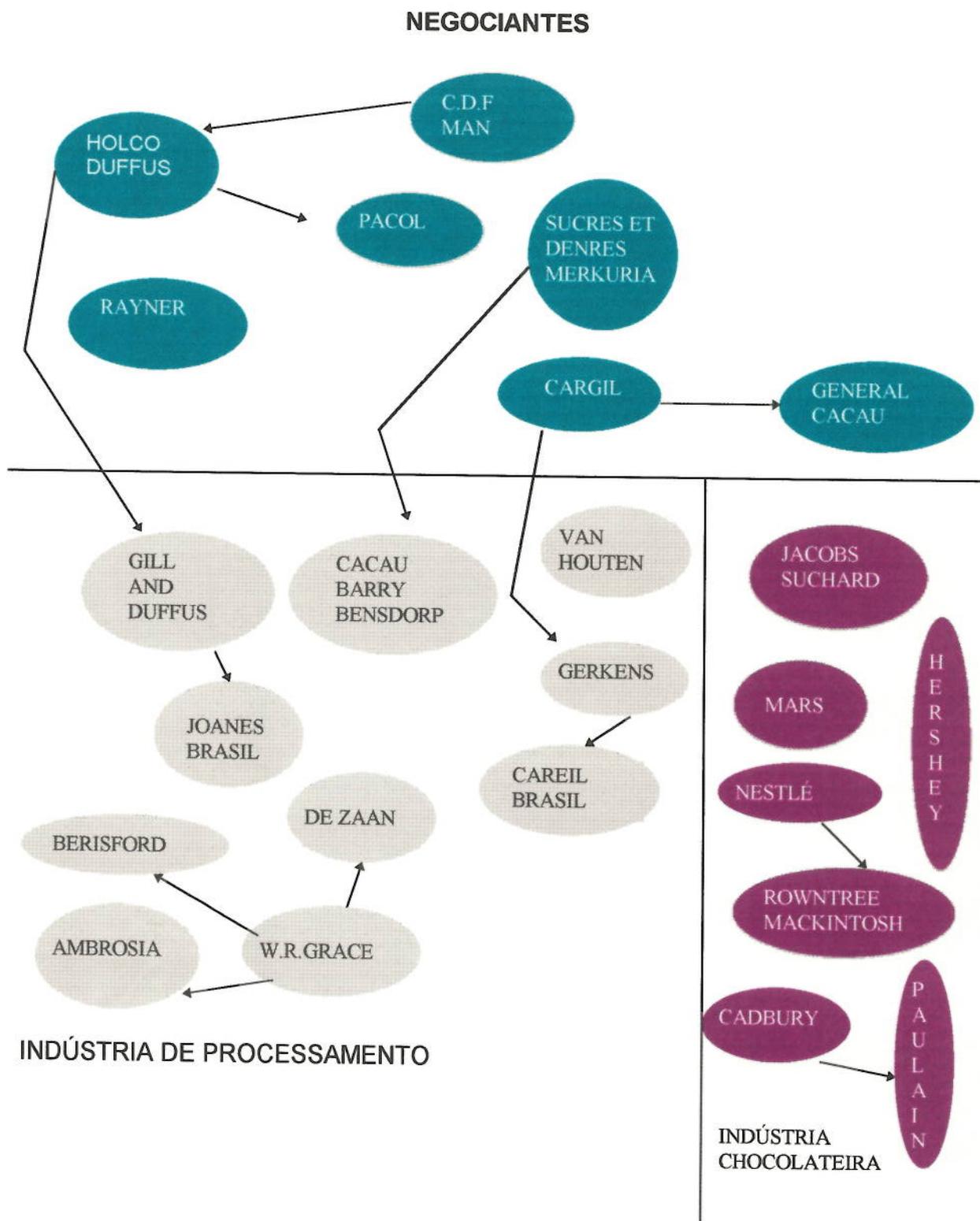
"O agricultor, na verdade é um especialista, confinado às operações de plantio, manutenção e colheita. As funções de armazenagem, processamento, distribuição, são transferida em larga escala para organizações além das fazendas. Essas organizações por seu lado transformam-se em operações altamente organizadas. Como complemento criavam-se funções fora, a montante, da fazenda: produção de insumos agrícolas, máquinas, implementos, fertilizantes, defensivos, sementes, fungicidas, inseticidas, herbicidas, assistência técnica, pesquisa e serviços bancários, etc. À jusante, formavam-se complexas estruturas de compra de cacau, armazenamento, processamento, distribuição, industrialização, serviços portuários, exportação, etc. O sistema que constitui o complexo agroindustrial do cacau é em essência uma rede de mercados que continuamente se influenciam. Não se pode, por isso, abandonar o cacau sob a visão apenas agrícola ou que acontece dentro da fazenda de cacau. Há que relacioná-lo com os subsistemas a montante e a jusante" (MENEZES e CARMO-NETTO, 1993).

3.6 INDÚSTRIA CHOCOLATEIRA

A industrialização está concentrada nas mãos das firmas multinacionais e globais, que controlam a exportação, industrialização, processamento e distribuição mundial de cacau. Essas firmas vêm se apresentando cada vez mais concentradas e essa concentração, vem se dando, tanto dentro, como entre firmas de países consumidores e nos países produtores. Assim, a estrutura corporativa das indústrias torna-se cada vez mais internacionalizada, e claramente adquire feições de oligopólios influenciando negativamente na formação dos preços, enquanto do lado da oferta (países produtores), não se observa coesão ou harmonização de políticas

externas para o cacau. A figura nº 2 ilustra como se organiza e se relaciona a comunidade do cacau, controlado por grandes corporações.

FIGURA Nº 2



4 MERCADO INTERNACIONAL DO CACAU

A economia mundial de cacau atravessou uma fase das mais difíceis no decorrer dos dez últimos anos, sobretudo em razão de um período tipicamente longo de superprodução estrutural, que levou a um acúmulo excessivo dos estoques de cacau, e manteve os preços sob pressão contínua no mercado mundial.

A produção global que, em 1985-86, era de 1.974.000 toneladas, aumentou progressivamente para atingir 2.465.000 toneladas em 1988-89 e 2.507.000 toneladas em 1990-91. No ano agrícola 1995-96, que acaba de terminar, está estimada em 2.731.000 toneladas. Durante o mesmo período o consumo mundial passou de 1.487.000 t em 1985-86 a 2.131.000 t em 1988-89 e a 2.533.000 em 1994-95. Está estimado em 2.684.000 t em 1995-96.

O consumo mundial aumentou, mas a uma taxa inferior à da produção. Dessa diferença, resultou o crescimento dos estoques mundiais que de 657.000 t em 1985-86 passaram a 1.237.000 t em 1988-89 e ao número recorde de 1.565.000 t em 90-91. Em setembro de 1996 este estoque foi estimado em 1.085.000 t devido aos dois anos deficitários registrados em 1993-94 e 1994-95. Esse número de 1.085.000 t representa 45,5% das margens mundiais em 1995-96, enquanto numa situação equilibrada do mercado, os estoques mundiais de cacau não deveriam ultrapassar 25 a 30%.

Neste contexto, os preços no mercado mundial não pararam de cair, passando de US\$ 2.149 em média a tonelada em 1985-86, a US\$ 1.051 em média a tonelada em 1992-93, nível historicamente baixo. Embora, após o ano agrícola 1993-94 os preços tenham melhorado passando de US\$ 1.370 em média a tonelada e US\$

1.440 a tonelada, em 1994-95, ainda permanecem sob forte pressão do elevado nível de estoques mundiais, seguindo moderadamente os dados estatísticos do produto.

TABELA Nº 1 ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO, ESTOQUE E PREÇOS DO CACAU (EM 1.000 t)

ANO	PRODUÇÃO	DEMANDA	ESTOQUE	PREÇO REAL (DES DE 1990)
1992	2.427	2.454	1.457	800
1993	2.437	2.519	1.229	867
1994	2.493	2.567	1.201	994
1995	2.562	2.614	1.123	1.132
1996	2.650	2.662	1.085	1.261
1997	2.774	2.719	1.083	1.350
1998	2.819	2.784	1.089	1.397
1999	2.870	2.851	1.079	1.435
2000	2.908	2.914	1.450	1.504

FONTE: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CACAU - 1991.

As estimativas de crescimento da produção apresentam uma taxa de crescimento anual de 1,8% para os próximos anos. Mesmo com a redução da produção do Brasil, Indonésia e Malásia, conforme se evidencia nos gráficos dos principais países produtores, ainda que com uma baixa taxa de crescimento, a produção mundial deverá aumentar de forma constante nos períodos seguintes. As América Central e do Sul terão sua produção diminuída, enquanto a produção da Ásia e da Oceania deverá crescer substancialmente.

GRÁFICO Nº 5 PRODUÇÃO DA NIGÉRIA

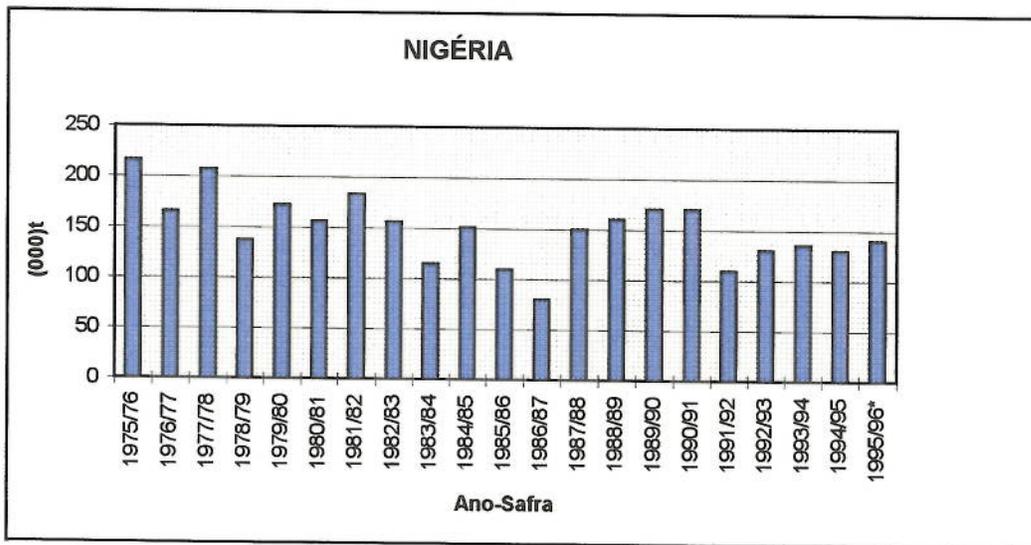
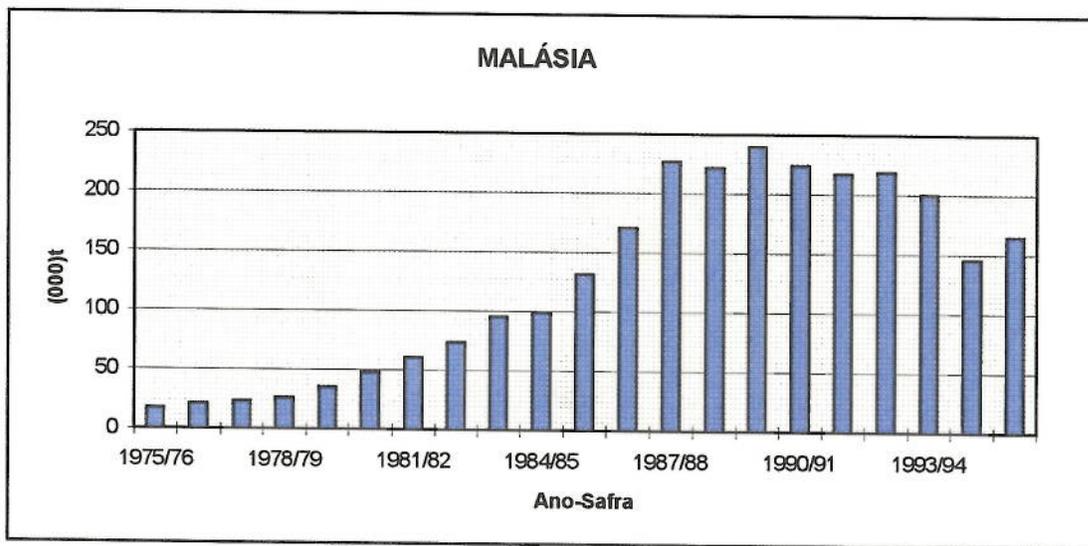
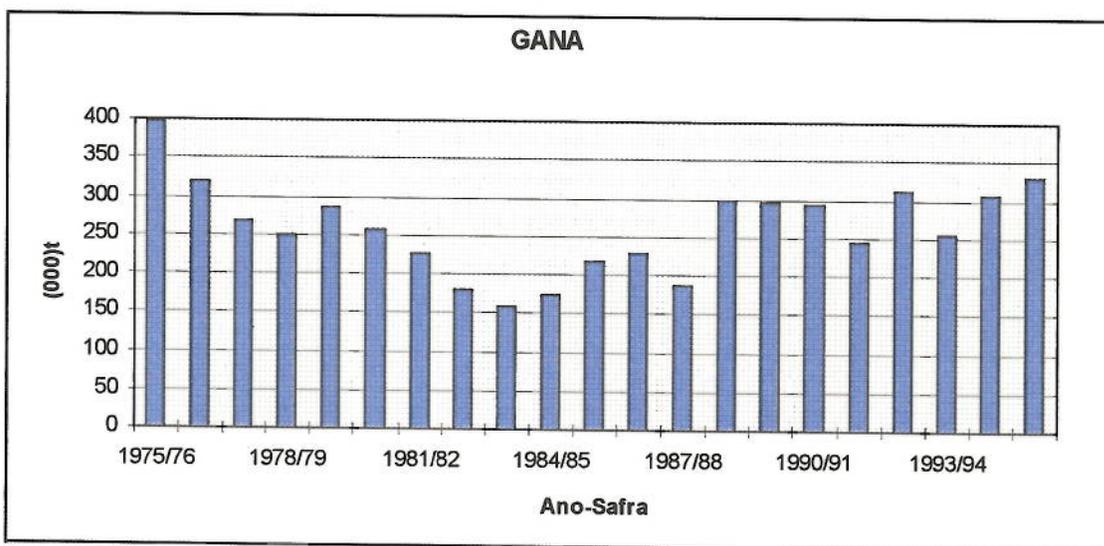


GRÁFICO Nº 6 PRODUÇÃO DA MALÁSIA



FONTE: G e D/E D&F MAN COCOA REPORT

GRÁFICO Nº 7 PRODUÇÃO DE GANA



FONTE: G e D/E D&F MAN COCOA REPORT

GRÁFICO Nº 8 PRODUÇÃO COSTA DO MARFIM

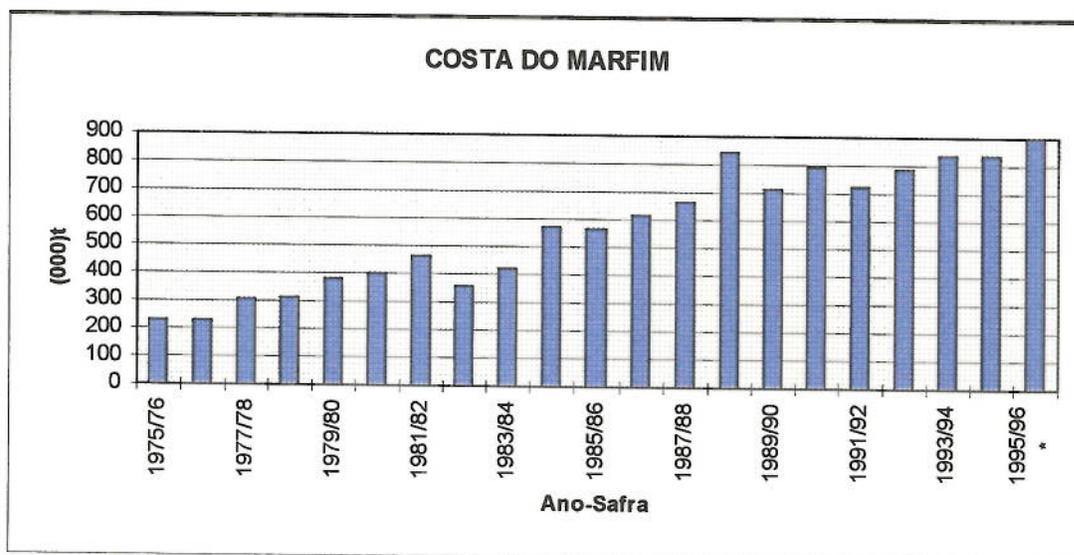
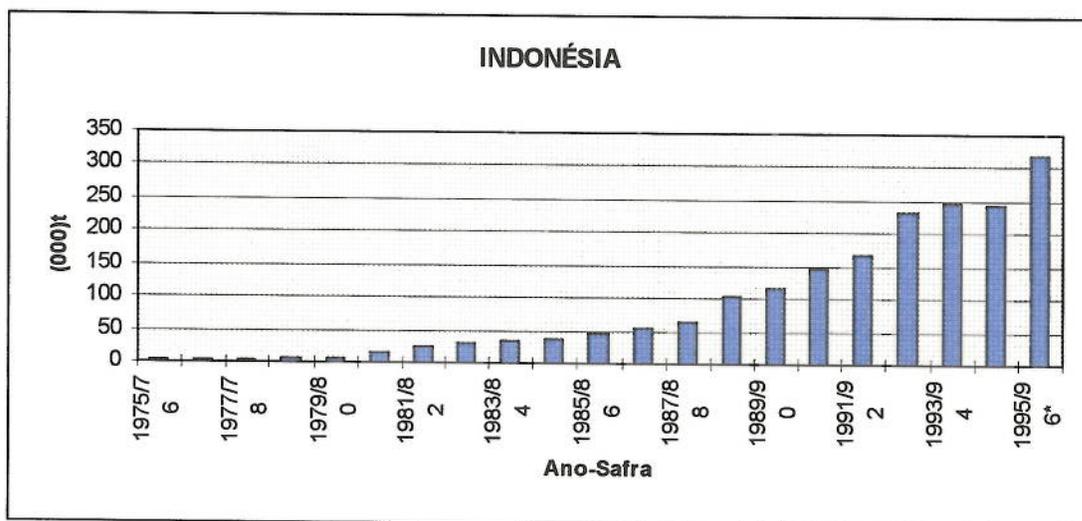
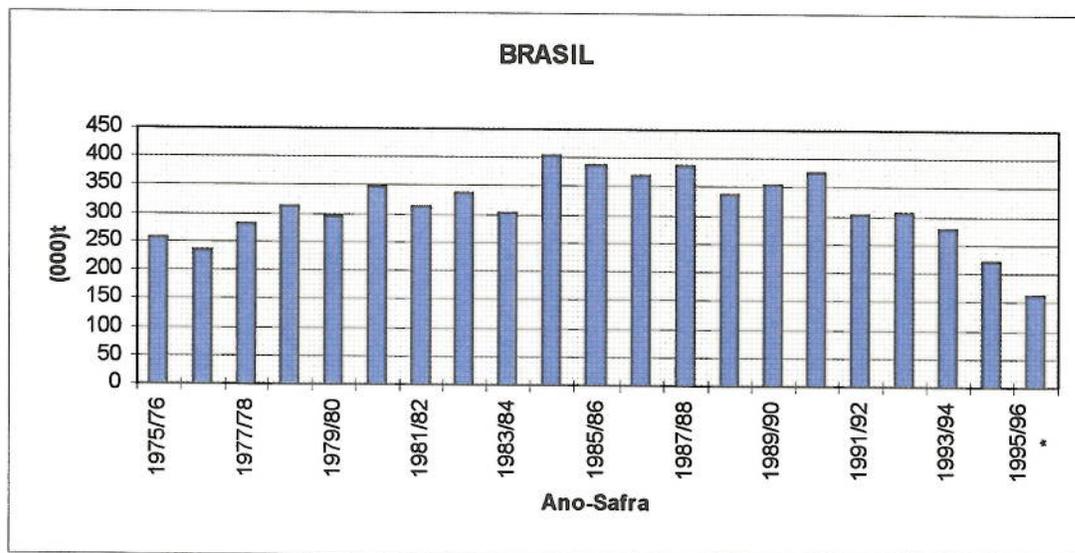


GRÁFICO Nº 9 PRODUÇÃO DA INDONÉSIA



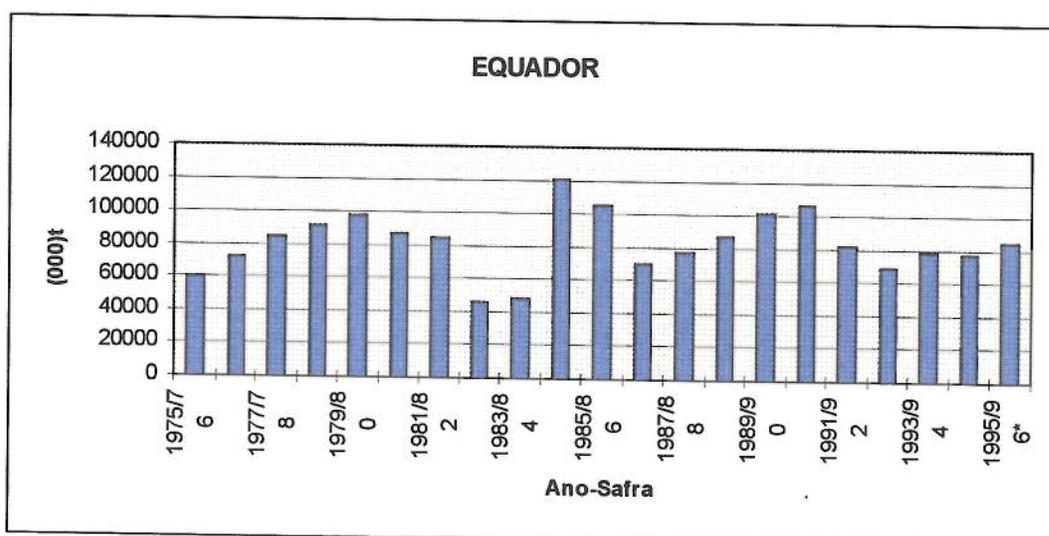
FONTE: G e D/E D&F MAN COCOA REPORT

GRÁFICO Nº 10 PRODUÇÃO DO BRASIL



FONTE: G e D/E D&F MAN COCOA REPORT

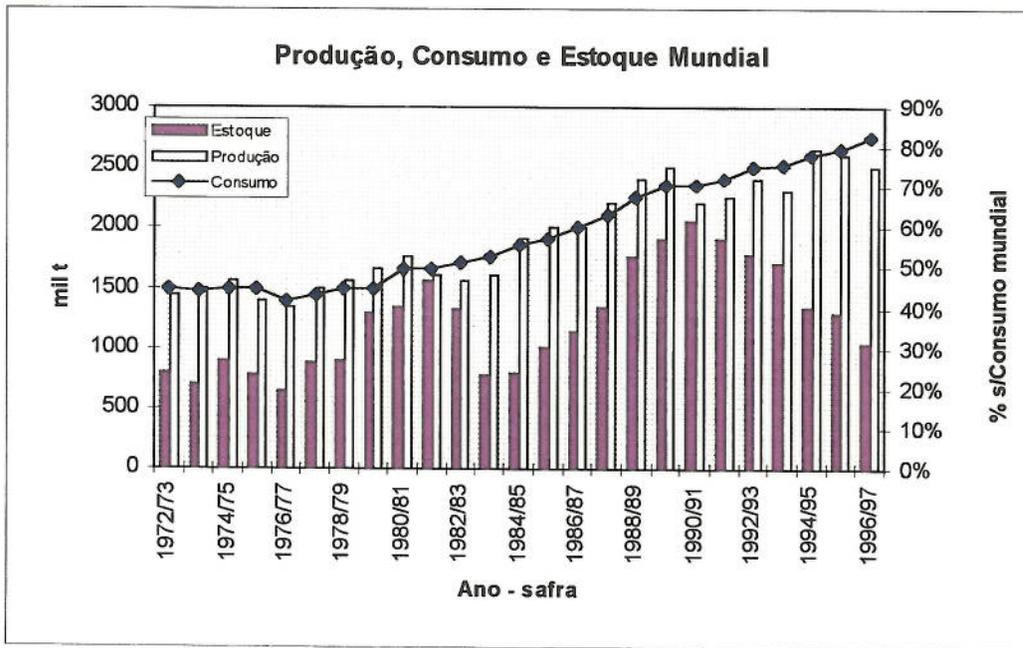
GRÁFICO Nº 11 PRODUÇÃO DO EQUADOR



FONTE: G e D/E D&F MAN COCOA REPORT

O consumo crescerá a uma taxa de 2,4% ao ano, podendo ser em alguns momentos superior à produção (segundo a OICC). Esse aumento de demanda poderá vir dos países que formavam a ex-União Soviética e do antigo bloco da Europa Oriental. Contudo, se as estatísticas da OICC em relação à produção e consumo se efetuarem, teremos uma retomada dos preços como consequência da queda dos estoques.

GRÁFICO Nº 12



FONTE: OICC

4.1 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE CACAU

Devido aos altos preços pagos pelo cacau na década de 70 (principalmente 1977 e 1979, anexo n. 1) novas base geográficas começaram a surgir, como a Malásia e a Indonésia que passaram a concorrer com a Costa Oeste Africana e o sul da Bahia.

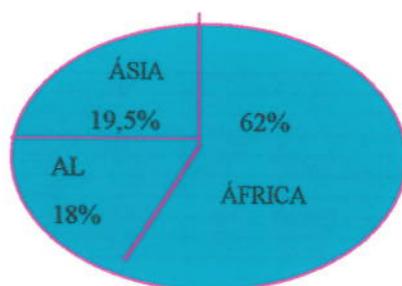
“A dispersão da base geográfica de produção deu maior estabilidade e crescimento sustentado à oferta mundial, antes sujeita a maior variabilidade ano-a-ano. A dispersão atenuou a variabilidade anual da produção e ampliou a duração dos períodos de excesso de produção ou cíclico de excedente” (MENEZES e CARMO-NETO p. 31 - 1993).

As principais áreas geográficas de produção do cacau no mundo, são: a África com 62% em 96/97, da produção mundial, seguida pela Ásia com 19,5% e por último a América Latina com 18% da produção mundial em 96/97.

TABELA Nº 2 Produção de cacau nas principais áreas geográficas (1.000t)

ANO	ÁFRICA	ÁSIA	AMÉRICA LATINA
91/92	1.235.7	454.9	566.0
92/93	1.348.2	514.9	578.7
93/94	1.347.0	512.7	556.9
94/95	1.448.4	408.1	507.0
95/96	1.835.3	460.0	526.1
96/97	1.641.8	512.5	475.0

FONTE: ICCO



A produção na África se concentra em: Camarões, Costa do Marfim, Gana e Nigéria, destacando-se a Costa do Marfim como o megaprodutor mundial, com uma produção de aproximadamente 1.025.000 t equivalente à quase totalidade da produção africana.

TABELA Nº 3 Produção africana de cacau (1.000 t)

Ano	Camarões	Costa do Marfim	Gana	Nigéria	Outros
91/92	105.4	746.0	242.8	109.8	31.7
92/93	97.0	770.0	312.1	138.0	31.1
93/94	97.7	830.0	254.7	134.0	30.6
94/95	107.9	870.0	309.5	135.0	26.1
95/96	125.7	1.150.0	385.0	147.0	27.6
96/97	120.0	1.025.0	325.0	145.0	26.8

FONTE: ICCO

A produção asiática se resume a praticamente, dois países a Indonésia e a Malásia, enquanto na América Latina, destacam-se o Brasil e o Equador, sendo que o Brasil concentra mais da metade da produção regional.

TABELA Nº 4 Produção Ásia e América Latina (1.000 t)

Ano	Indonésia	Malásia	Outros	Brasil	Equador	Outros
91/92	170.0	225.4	59.5	289.0	86.4	190.6
92/93	239.9	217.0	58.0	301.5	76.9	200.3
93/94	261.2	199.4	52.1	280.9	78.6	193.3
94/95	243.4	117.7	47.0	222.7	86.3	198.5
95/96	300.0	110.0	50.0	238.6	93.0	194.5
96/97	350.0	112.0	50.5	185.0	90.0	200.0

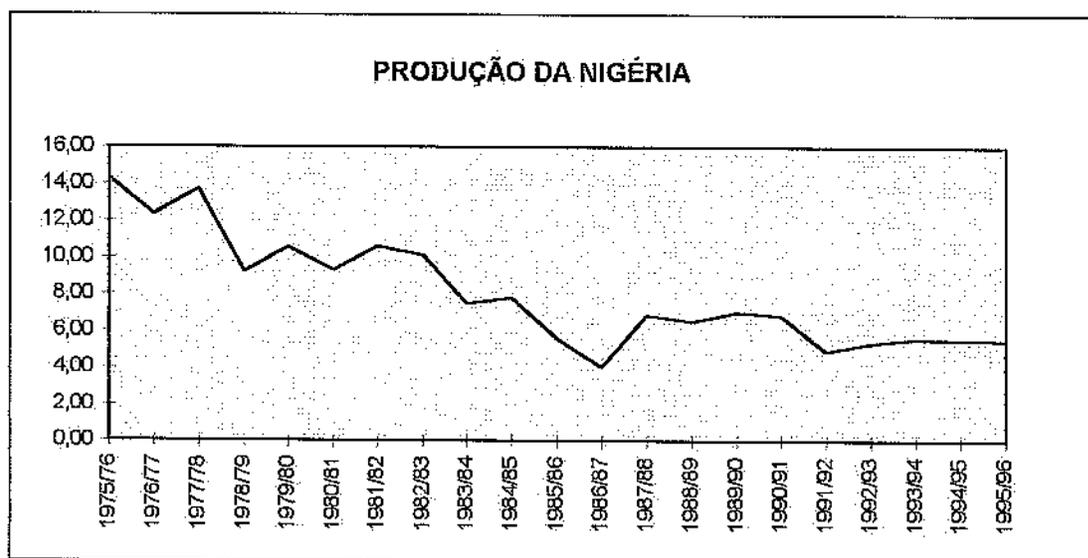
FONTE: ICCO

Os principais países produtores de cacau no mundo são Costa do Marfim, Gana, Indonésia, Brasil, Malásia, Nigéria, Camarões e Equador em ordem de produção. O Brasil que já alcançara o primeiro lugar, encontra-se hoje em quarto, com uma produção de 185.000 (96/97), podendo passar para quinto lugar, perdendo lugar para a Malásia cuja produção está em 112.000 t. O ranking dos produtores de cacau

possui uma intensa rotatividade, em consequência de movimentos cíclicos inerentes à lavoura, evidenciando a instabilidade da mesma. Um país amplia sua produção, a qual atinge o apogeu e então declina. Esse comportamento sugere uma possível existência do ciclo do cacau com fases de crescimento exponencial, apogeu e decadência.

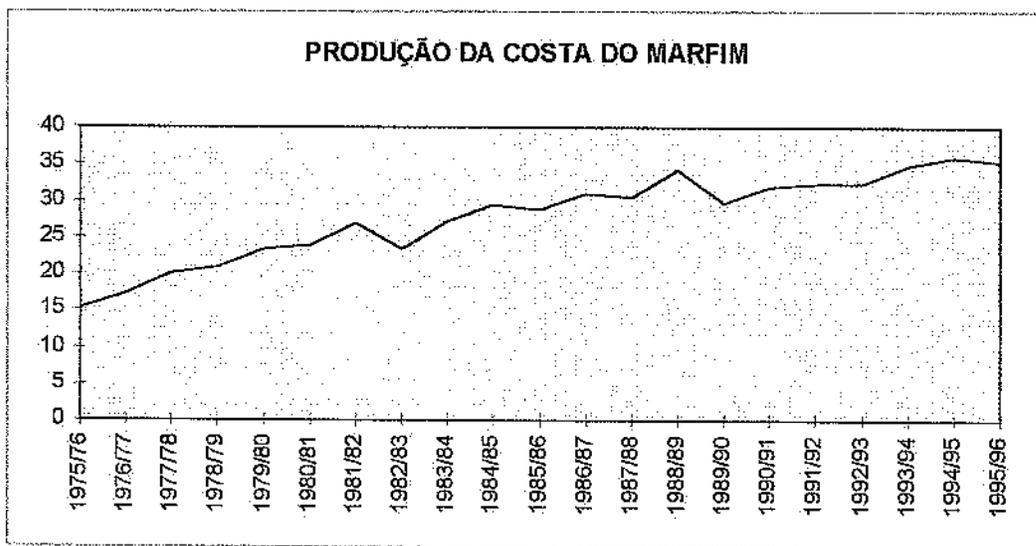
Assim, Gana em 1975, possuía 20% da produção mundial, obtendo o primeiro lugar; a costa do Marfim na década de 80 passa a ser o 1º produtor, ou seja, Ocorre uma contínua mudança na liderança da produção mundial de cacau, de um país para outro, de uma área para outra, como se o cacau fosse um cultivo nômade. Conseqüentemente o surgimento de um novo líder, eqüivale à estagnação na produção de outro produtor.

GRÁFICO Nº 13 PARTICIPAÇÃO DA NIGÉRIA NA PRODUÇÃO MUNDIAL



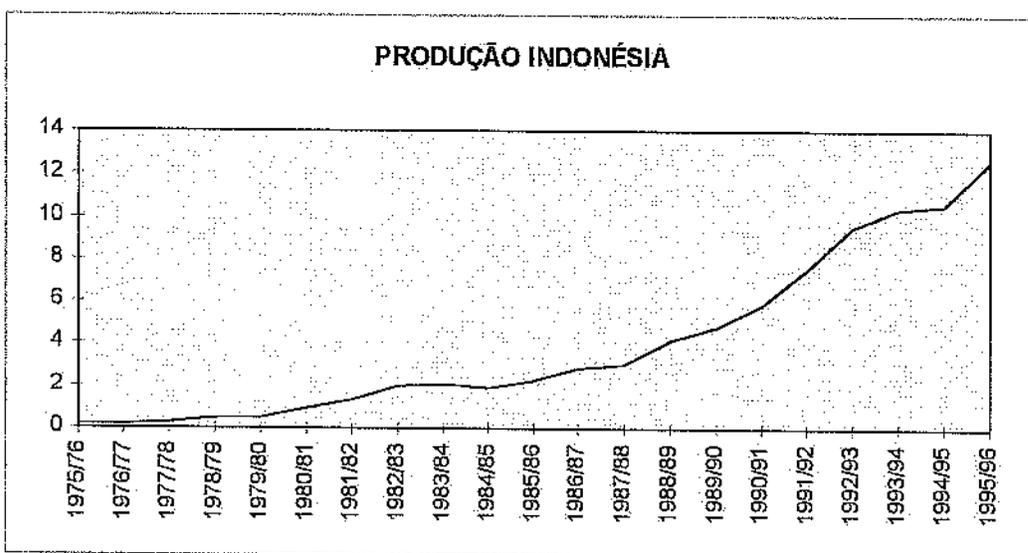
FONTE: G&D / ED & F MAN COCOA REPORT

GRÁFICO Nº 14



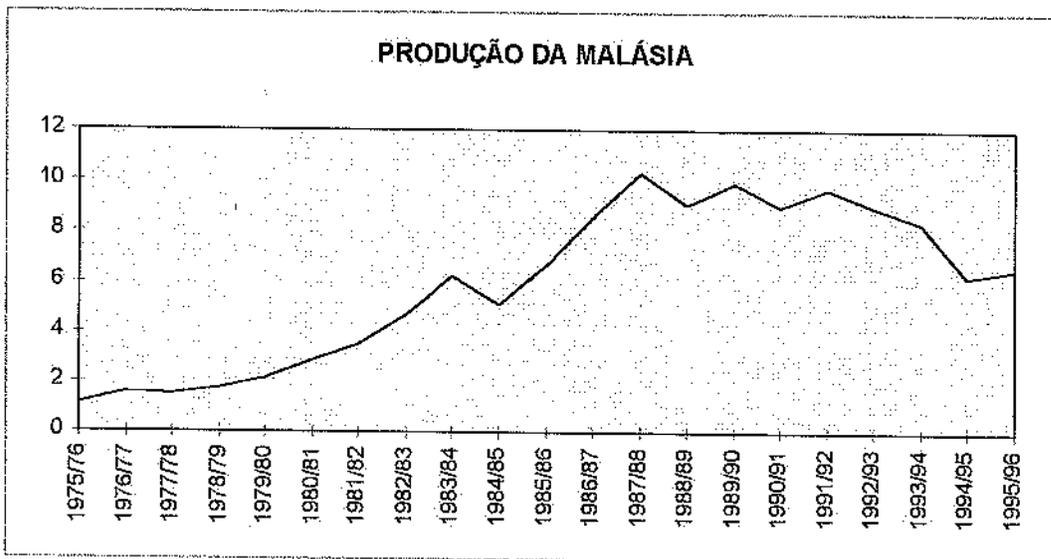
FONTE: G&D / ED & F MAN COCOA REPORT

GRÁFICO Nº 15



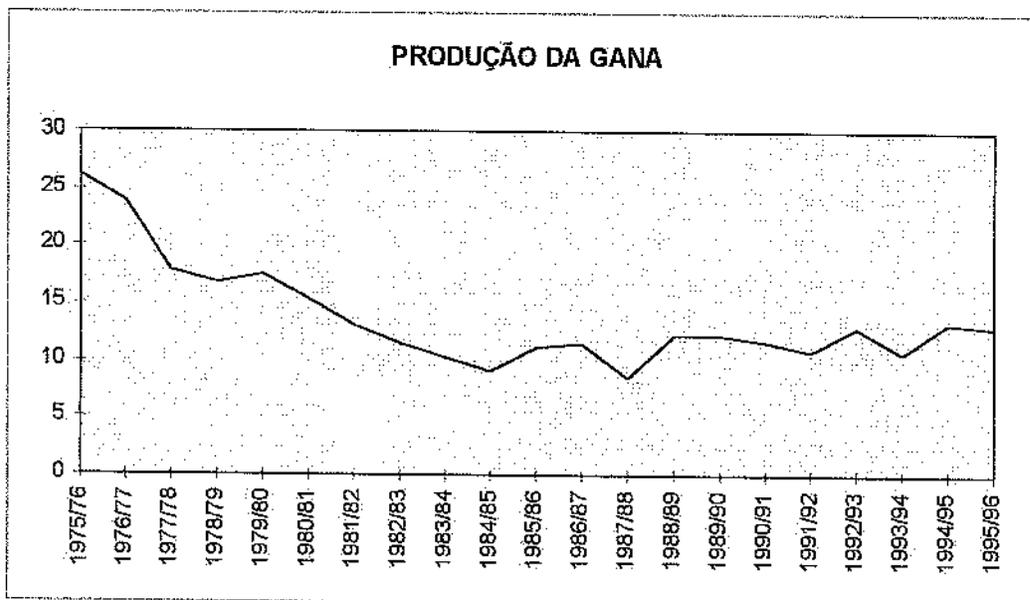
FONTE: G&D / ED & F MAN COCOA REPORT

GRÁFICO Nº 16



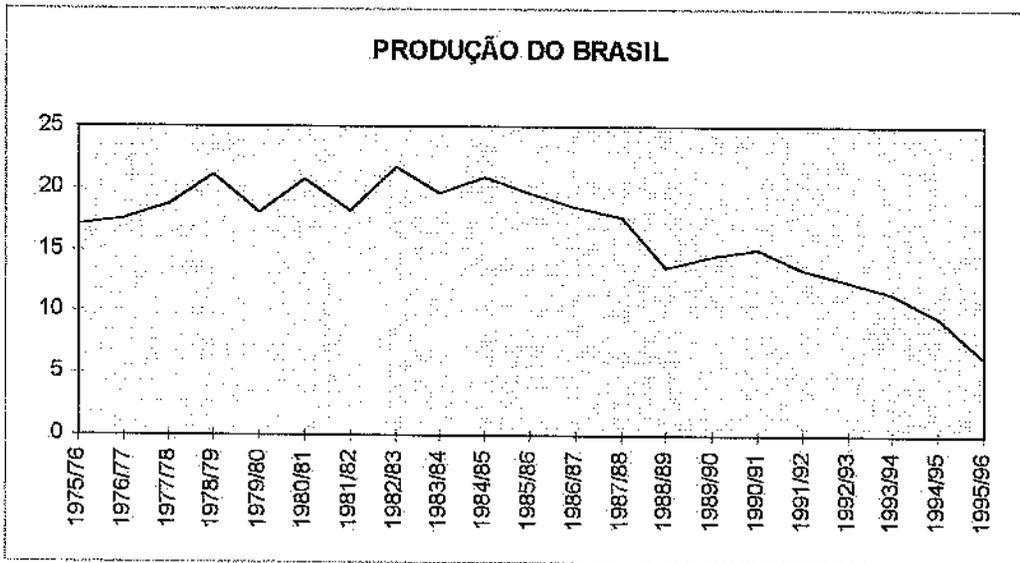
FONTE: G&D / ED & F MAN COCOA REPORT

GRÁFICO Nº 17



FONTE: G&D / ED & F MAN COCOA REPORT

GRÁFICO Nº 18



FONTE: G&D / ED & F MAN COCOA REPORT

4.2 ACORDO INTERNACIONAL DO CACAU

Desde o primeiro Acordo Internacional em 1973, sempre se buscou a estabilização de preços via intervenção no mercado. Os acordos internacionais fundamentam-se na premissa de que não se registra tendência estrutural à superprodução, mas sim desequilíbrios de curto prazo, capazes de serem corrigidos via estoques regulares (*buffer stock*). Os produtores especulavam a respeito da atuação do 1º Acordo Internacional do Cacau, como se este proporcionasse um ajuste automático aos estoques, fornecendo o preço do produto aos produtores, e prosseguiam a expandir suas produções, na década de 70. Devido aos excessivos e persistentes excedentes de cacau no mercado, a política de estoque regulador não surtiu efeito sobre os preços, pois este representa uma parte pequena dos estoques mundiais. Assim o esquema de estoque regulador esgotou sua capacidade de manutenção dos preços internacionais, frente ao seu volume comparado com o excesso de produção

do cacau. Os acordos de *commodities*, desde os anos vinte, têm tido sucesso bastante limitado. A tentativa de estabilização de preços via estoques reguladores poderia ser adotada no caso de baixos custos, porém quando estes são altos, o uso deste instrumento, torna-se inviável.

O sucesso do estoque regulador em defender o preço inferior ou o preço superior depende da quantidade de recursos e da direção e amplitude da flutuação de preços. Uma forte elevação de preços irá superar o preço superior quando o estoque regulador exaurir seu estoque físico, enquanto que uma forte queda nos preços irá ultrapassar o preço inferior quando o estoque regulador exaurir seus recursos financeiros. Em outras palavras, os estoques reguladores somente podem ser usados para reduzir um pouco as flutuações de curto prazo.

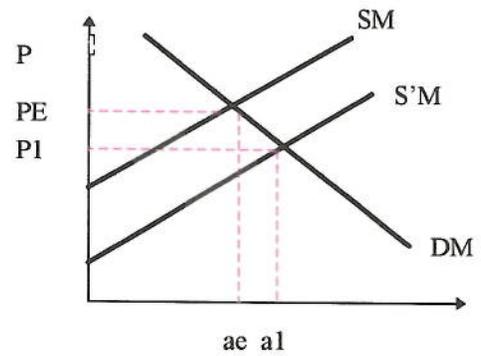
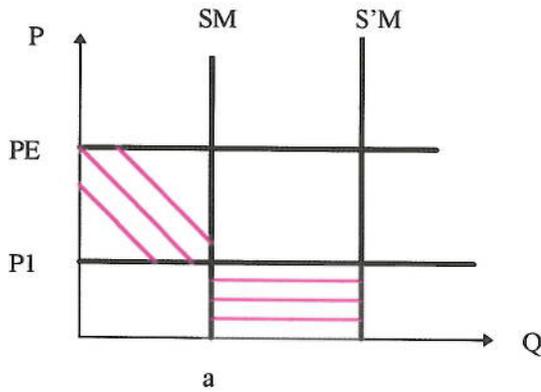
O problema dos acordos internacionais do cacau tem sido determinar e manter o preço de equilíbrio de longo prazo. As discrepâncias entre o preço de equilíbrio e o preço do suporte levaram a uma grande acumulação de estoques, e elevados custos de manutenção.

O primeiro Acordo Internacional do Cacau, ocorreu em outubro de 1973, adotando como políticas, Cotas de Exportação e *Buffer Stock*.

4.2.1 O sistema de cotas de exportação

São determinados um preço e um certo montante da mercadoria a ser oferecida no mercado mundial. A quota total é então dividida em cotas de exportação entre os países membros do Acordo. Com o acordo, não haveria um aumento na oferta internacional; a uma queda na demanda, haveria uma redução na quantidade exportada via redução no montante das cotas. Supondo que a queda na exportação

seja compensada pelo aumento no preço, não afetando, portanto, as receitas de exportação.



A situação original é descrita pelas curvas SM(oferta) e DM(demanda), e o preço de equilíbrio é PE e a quantidade de equilíbrio a_e ; o total das receitas de exportação é PE / a_e . Um aumento na quota deslocaria S'M, o que provocaria uma redução do preço para P_1 e a um aumento na quantidade para a_1 . Com a queda nos preços e com a manutenção da demanda, os produtores teriam uma perda em suas receitas (área demarcada). Para manter o preço através de cotas de exportação, com produtores ofertando a_e , o estoque regulador teria que comprar a quantidade a e a_1 , ou então deveria ser formado estoque no país produtor neste montante, mantendo-se assim o preço internacional e a quantidade ofertada. O sistema de cotas de exportação exige, portanto que todo o excesso de ofertas seja estocado ou destruído. Mesmo que fosse feito, o esquema de estoque regulador não teria outro efeito senão o de estimular a persistência da produção mundial nos níveis atuais.

O Segundo Acordo Internacional do Cacau realizado em 1976 tornou-se efetivo por 3 anos, além de renegociado em 1979 e expirado em 1980 - período em que os preços do cacau ficaram acima do nível máximo do intervalo definido pelo acordo; O Terceiro Acordo se efetivou em 1981 e o Quarto Acordo Internacional se deu em 1986, prorrogado, em março de 1990 até setembro de 1992, com a supressão das cláusulas econômicas. Apesar do Acordo não ter funcionado eficientemente e a situação atual se caracterizar por grandes excedentes, baixos preços e estoques

muito elevados, está em discussão a proposta de um novo Acordo Internacional do Cacau.

No contexto atual, o mercado cacauero necessita de políticas que lhe garantam um abastecimento adequado, sem inundar o mercado com o produto, e preços que paguem eqüitativamente os esforços de produção. Além disso, é necessário que os países produtores ajustem suas quotas à demanda, e desenvolvam mais, na medida do possível, a transformação do cacau na origem e a promoção do seu consumo local.

4.3 EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CACAU

A produção brasileira de cacau correspondente a mais da metade da produção americana, concentra-se na Bahia, maior Estado produtor do Brasil, respondendo por, aproximadamente, 80% da produção de cacau do país. A produção da Bahia mostra-se em declínio em relação à década de setenta, quando atingiu 61,55% do total das exportações baianas, caindo para uma média de 34,43% na década de oitenta, descendo para 13,59% na década de noventa. O cacau vem perdendo sua posição relativa nas exportações baiana nos últimos anos (vide tabela).

TABELA Nº 5 EXPORTAÇÕES BAIANAS DE CACAU (Embarques por portos baianos)

ANO	QUANTIDADE(t)	VALOR (US\$ 1.000)	PREÇO MÉDIO	%PART. TOTAL DAS EXP.
1975	221.439	289.979	1.310	60,0
1976	181.432	321.836	1.774	60,7
1977	160.187	668.900	4.176	76,4
1978	200.893	730.189	3.635	72,8
1979	240.793	844.800	3.508	70,4
1980	211.814	602.177	2.843	54,1
1981	214.175	501.607	2.342	38,3
1982	216.568	398.538	1.840	37,1
1983	236.504	481.113	2.034	31,4
1984	212.572	441.902	2.079	25,4
1985	276.834	660.019	2.384	40,3
1986	223.443	504.838	2.259	44,5
1987	209.112	424.003	2.021	33,4
1988	202.860	361.032	1.780	24,5
1989	163.665	233.754	1.428	15,3
1990	211.979	284.058	1.340	17,4
1991	161.848	209.468	1.294	15,7
1992	174.189	217.290	1.247	14,6
1993	192.265	237.715	1.236	16,4
1994	177.633	277.029	1.560	16,1
1995	69.567	118.629	1.705	16,2

FONTE:CEPLAB/SECEX/MINIFAZ

Observamos nos percentuais de participação dos destinatários, que os tradicionais compradores do Leste Europeu como a Polônia, a Hungria, a Iugoslávia e outros como a Bulgária, deixaram de importar cacau brasileiro, por razões de ordem econômica ou outros. Os Estados Unidos, continuam sendo o maior comprador, embora seu percentual tenha caído de 64% em 92 para 40% em 1994, evidenciando talvez sinais de declínio no consumo interno daquele país ou busca de fornecimento, a preços menores em outras origens. Por outro lado, em contraste ao Estados Unidos, registra-se a abertura de espaços maiores para nossos vizinhos. Argentina e Chile que absorveram 1,4 e 1,0% em 1989, aumentando seus percentuais para 13,5 e 3,6% em 94. respectivamente, destacado-se assim, a cada

ano, o crescimento da demanda no Mercosul. A Comunidade Econômica Européia, constituída pela Bélgica, Luxemburgo, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Holanda, Itália, Países Baixos, Portugal, Espanha e Reino Unido, tiveram suas importações diminuídas em 1992 para 8%, elevando-se em 1994 para um percentual de 26,6%, resultado este devido principalmente, aos Países Baixos (Holanda), que do total de 26,6% destinados à CEE, 24,3% ficaram com os holandeses. Ademais, a C.E.I. (Comunidade dos Estados Independentes - ex- União Soviética) ressurgiu entre os países importadores com 77% em 93 e 99% em 1994, sendo este percentual distribuído para: Estônia 11.020,4t ; Rússia 9.152,4t ; e Lituânia 420,0t .

Analisando o setor de amêndoas e manteiga de cacau, que juntas participam com 77% das exportações de cacau e derivados, verifica-se que os principais importadores de cacau em amêndoas são os Estados Unidos com 24%, Países Baixos com 21% , e a República da Estônia com 19%. Já na compra de manteiga de cacau encontram-se a Argentina com 31%, os Estados Unidos com 29% , e os Países Baixos com 12%.

TABELA Nº7. Destino das exportações Brasileiras de cacau e derivados (1995)

Países	Cacau em amêndoas	Manteiga de Cacau
Estados Unidos	5.998.738	18.762.903
Países Baixos	5.264.447	7.768.213
Estônia,Rep. da	4.824.292	
Japão	3.397.260	6.175.898
Argentina	3.229.926	20.204.129
Itália	1.214.977	
Chile		6.663.315
Canadá		4.493.618
Outros	1.111.090	1.370.080
Total	25.040.730	65.438.156

FONTE: SECEX- MICT

5 CONCLUSÃO

Diante da atual conjuntura de crise apresentada nesse trabalho, conclui-se que é necessário que haja uma completa reestruturação modernizadora na lavoura cacaueteira, a fim de proporcionar mudanças radicais na conduta dos produtores. Pois não se pode viabilizar a cacauicultura preservando seus traços atuais (monocultor).

É preciso colocar a região cacaueteira em posição mais competitiva, na qual não caberia mais as antigas funções, e sim a determinação de superar o modelo exportador de matérias-primas e bens intermediários, pelos preceitos de integração e complexificação de atividades, na perspectiva da agroindustrialização, deixando a produção primária menos vulnerável, colocando-a no centro das atividades à montante e à jusante, como uma peça a mais de um sistema.

Só romperemos o ciclo vicioso de crises, se investirmos em tecnologia, tanto na lavoura quanto na ponta de transformação, desenvolvendo indústrias alternativas para elaboração de produtos derivados do cacau, como a produção da polpa de cacau, a produção de carvão vegetal que pode ser feito com a casca do cacau, o chocolate caseiro, a cocada de cacau, etc. O incentivo ao consumo desses produtos alternativos poderia ser feito via campanha em prol do elevado poder calórico do cacau, ou como complemento alimentar obrigatório em escolas públicas, e repartições.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASMAR, Selem . Economia da microregião Cacaueira. Ilhéus(Ba):Clorograf, 1985.
- BAIARDI, Amílcar . Subordinação do capital trabalho na lavoura cacaueira da Bahia, Salvador : Ed. Hucitec, 1984.
- BANDEIRA, Silvio, SILVA, Bárbara. O subsistema urbano regional de Ilhéus-Itabuna, Salvador: SUDENE. 1987.
- CAZOLA, Irene, MASCARENHAS, Gilberto. Cacau na Bahia: histórico, situação atual e perspectivas. Bahia: Análise e Dados, CEI. v.2 n.1, Jun 1992.
- COUTO, Vítor . Crise estrutural e integração dos avistas do cacau, Bahia Agrícola, v. 1, n.o, Nov. 1995.
- DIAS, Clímaco . Cacau - busca da competitividade perdida, Bahia: Análise e Dados, CEI, v.2, n.1, Jun 1992.
- DIAS, Ieda . Diferenciação da pequena propriedade familiar da região cacaueira da Bahia. Salvador: UFBA/ CME, 1987.
- FIALHO, José. Conjuntura Cacaueira do Sul da Bahia, Salvador: Bureau, 1992.
- GARCEZ, Angelina, FREITAS, Fernando. Bahia Cacaueira. Estudos Baianos, Salvador: UFBA, 1979.
- GASPARETO, Agenor . Cacau mitos e outras coisas mais. Itabuna-Ba: Proplan, 1986.
- HARTMANN, Thomas. O que é "crise"? Jornal A Tarde, A Coluna do Cacau, 4 Julho de 1996.
- _____ . Analisando a diversificação (2). Jornal A Tarde, A Coluna do Cacau, 18 Julho de 1996.
- _____ . Queda de produção gera superávit? (1). Jornal A Tarde, A Coluna do Cacau, 29 Fevereiro de 1996.
- _____ . O real potencial de Iláisa.. Jornal A Tarde, A Coluna do Cacau, 21 de Março de 1996.

- _____ . No fio da navalha (1). Jornal A Tarde, A Coluna do Cacau, 4 de Abril de 1996.
- _____ . No fio da navalha (2). Jornal A Tarde, A Coluna do Cacau, 11 de Abril de 1996.
- _____ . Por que subiu o mercado do cacau. Jornal A Tarde, A Coluna do Cacau, 20 de Junho de 1996.
- _____ . Cacau- quarenta anos, Jornal A Tarde, A Coluna do Cacau, 31 de Outubro de 1996.
- _____ . Perspectiva para o mercado mundial, Jornal A Tarde, A Coluna do Cacau, 24 Out 1996.
- _____ . Como anda o preço ao produtor? (3), Jornal A Tarde, A Coluna do Cacau, 3 out 1996.
- MARCIEL, José . Considerações sobre a crise da economia cacauera. Bahia Agrícola - v.1,n.O, Nov, 1995.
- MENEZES, José; BARROCO, Hélio . Relações básicas de demanda mundial por cacau. Ilheus:CEPLAC, 1986.
- MENEZES, José; CARMO-NETO, Dionísio . A modernização do agribusiness cacau. Salvador: CPE,1993. Série de estudos e pesquisas nº 15.
- SANTOS, Milton. Novos rumos da geografia Brasileira. Salvador: ed.Hucitec, 1981.
- SAMPAIO, Maria. A crise do cacau e o padrão de gestão empresarial do produtor. Salvador: SEBRAE, 1993.
- SELIGSON, Otto . Cacau na Bahia história e problemática. Salvador: ed. Beneditina, s.d.
- ZUGAIB, Antônio . Comportamento das exportações Brasileiras de cacau e derivados; Jornal A Tarde, A Tarde Rural, 18 Julho 1996.
- _____ . O paradoxo do cacau"; Jornal A Tarde, 1º de Fevereiro de 1996.